

A educação no *epicentro* do desenvolvimento local: o caso da freguesia de São Miguel de Machede

José Bravo Nico
Universidade de Évora

Introdução

São Miguel de Machede é uma pequena freguesia do concelho de Évora, onde habitam, actualmente, cerca de mil habitantes (982, de acordo com o recenseamento realizado pelo INE, em 2001) e onde se desenvolve, desde 1998, um projecto de desenvolvimento local que assumiu, desde o início, a Educação – entendida como um processo integrado, formal e não formal, de qualificar uma comunidade, tornando-a capaz de sobreviver no território e na época em que existe – como eixo estruturante da(s) intervenção(ões) produzida(s).

Assente no PADéCA (Berbaum, 1992) e na arquitectura conceptual vygotskyana de desenvolvimento (Frawley, 2000) e inspirada nas perspectivas críticas de Paulo Freire (1987), entre outros pilares teóricos, da experiência em curso, em São Miguel de Machede, já resultaram, entre outros produtos e processos, o nascimento de uma Escola Comunitária, de cariz profundamente popular e, mais recentemente, a criação do lugar de Gestor(a) Educacional da Freguesia, assumido pela própria autarquia local.

A comunicação que se apresenta tentará caracterizar o modelo de Educação Comunitária que se está implementando nesta freguesia alentejana, os respectivos pilares teóricos em que assenta, os principais resultados obtidos, as alterações que provocou a nível da gestão autárquica local e, finalmente, os novos vectores de desenvolvimento local que gerou e/ou potenciou.

1. Algumas reflexões acerca de um possível modelo de Educação Comunitária

A aprendizagem sempre foi, entre muitas outras coisas, um poderoso instrumento de adaptação dos indivíduos e dos grupos às circunstâncias específicas de cada território e de cada momento das respectivas existências. Se fosse possível utilizar uma *linguagem geométrica*, diríamos que a vida das pessoas e dos grupos, a que estas vão pertencendo, é um exercício de geometria variável. Uma geometria dinâmica, que decorre das especificidades de cada contexto geográfico, social, económico, político e cultural; que é função do momento cronológico em que se vive; que é alimentada pelas circunstâncias quotidianas que se sucedem e se vão incorporando nas rotinas vitais dos indivíduos, das instituições e das comunidades; que se deixa impregnar pela complexa teia afectiva de relações humanas que se vão construindo e destruindo diariamente; que é vivida de forma sempre peculiar por cada pessoa, muito embora cada um(a) também sinta e viva dentro de si os vértices que outros sentem e vivem, o que faz com que cada um se sinta único e, concomitantemente, se sinta parte de uma comunidade.

É esta complexa e interdependente geometria de vida comunitária que se constitui como ponto de partida – e simultaneamente de chegada – de um eventual modelo de Educação Comunitária.

A aprendizagem, numa perspectiva comunitária, assume uma dimensão interpessoal, uma vez que os objectivos e motivações individuais se equivalem aos interesses da comunidade. Aprende-se, não só como consequência das necessidades de desenvolvimento pessoal e de enriquecimento individual, mas também e principalmente por necessidade de garantir a sobrevivência da comunidade a que se pertence, no momento histórico e nas circunstâncias em que se vive.

Aprende-se para se poder continuar a viver no mesmo território, com as pessoas que aí vivem, tentando conservar parte significativa de um passado fundador de uma identidade e tentando edificar um futuro que juntará, ao legado das gerações que viveram naquele território, o contributo do processo de desenvolvimento que vai acontecendo globalmente.

Utilizando, uma vez mais, a geometria das palavras, diríamos que se aprende a conservar os vértices que fazem parte da herança do território, sem que isso seja incompatível com o enriquecimento que outros vértices oriundos da modernidade possam acrescentar à qualidade das vidas de cada um e de todos. Aprende-se a conhecer e a respeitar o antigo, enquanto se procura aprender e utilizar o moderno.

Em qualquer comunidade, passado, presente e futuro são tempos sempre presentes. Na realidade, em cada indivíduo e em cada comunidade, coexistem estes três tempos. As diferentes gerações que constituem uma comunidade acentuam o carácter presente destas três dimensões do tempo. Entre as memórias dos mais idosos e os sonhos dos mais jovens conseguimos, muitas vezes, contabilizar mais de um século.

Serão estes tempos sempre presentes, eventualmente, os três alicerces fundamentais de qualquer aprendizagem que protagonizamos em âmbito comunitário. Aprendemos, quando, ancorados nas raízes do *passado* e lançando sementes para o *futuro*, crescemos, no *presente*, uns com os outros, disponibilizando e partilhando competências e recursos pessoais e institucionais, concebendo e concretizando projectos em que todos se revejam e tentando, dessa forma, manter dinâmica e adaptada às circunstâncias de cada momento a forma de viver característica daquele território.

2. Alguns pilares teóricos de um possível modelo de Educação Comunitária

Tal como Paulo Freire utilizava nas suas actividades de alfabetização de adultos, também nós utilizamos, na nossa vida e nos nossos projectos, algumas *palavras geradoras*. Palavras que têm a capacidade de juntar ao significado e à representação que transportam uma determinada carga de afectividade que nos despertam sentimentos. São autênticos faróis que estão sempre presentes na nossa vida, que nos guiam, mas que nunca nos dão tréguas. Utilizando a metáfora dos tempos, são palavras que estando sempre presentes, nunca conseguimos tornar, de forma definitiva, presente.

Um dos principais *pilares* teóricos de um possível modelo de Educação Comunitária encontramos-lo em Jean Berbaum (1992), quando este nos apresenta os fundamentos do seu modelo PADéCA (Programa de Auxílio ao Desenvolvimento da Capacidade de Aprender). As palavras mais poderosas deste modelo serão, eventualmente, Atitude e Projecto.

Atitude entendida como uma disponibilidade interior de cada um no sentido da existência de um *desejo de mudança, que corresponde a uma necessidade de aplicar e aumentar as potencialidades que fazem parte de nós próprios* (Berbaum, 1992:29). Projecto entendido como desafio existente na distância que sempre temos entre a nossa representação actual de nós próprios e o nosso sonho. Projecto, por outro lado, assumido como consequência de um processo individual de desenvolvimento que se quer compatível e solidário com outros projectos individuais, familiares e institucionais de desenvolvimento, que vão ocorrendo na comunidade. Projecto também considerado como espaço de convivência intergeracional e de negociação constante, no qual a capacidade individual de resolver problemas é substituída por uma capacidade colectiva mais qualificada e eficaz, resultante de uma atitude solidária de ajuda mútua nos processos individuais de crescimento e desenvolvimento, facto que concorre para um certo alargamento do conceito vigotskyano de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) de cada indivíduo (Frawley, 2000: 102), conceito que aqui adaptamos ao nosso contexto.

3. A Escola Comunitária de São Miguel de Machede

Foi neste contexto conceptual que a Escola Comunitária de São Miguel de Machede tentou agarrar-se, *geneticamente*. Obviamente, a realidade que se tem vivido tem vindo a impor outros *pilares* para além daqueles que já apresentámos, numa dinâmica que tem vindo a nascer na prática do quotidiano, na qual as respostas que se encontram para as circunstâncias que se vão sucedendo se operacionalizam primeiro e se pensam depois.

Assumindo os limites impostos pelos conceitos de Educação não Formal e Informal (Bernet, 1993: 14), a Escola Comunitária de São Miguel de Machede nasceu no ano de 1998, no seio de uma instituição particular de solidariedade social denominada SUÃO-Associação para o Desenvolvimento Comunitário, localizada na freguesia de São Miguel de Machede, pequena freguesia rural do concelho de Évora, cidade da qual dista 17 Km.

Desde o seu nascimento, a Escola Comunitária privilegiou os projectos comunitários que conseguissem congregar, simultaneamente, entre outras, as seguintes características:

- a) *Intergeracionais*: envolvendo sempre as diferentes gerações da comunidade na concepção e concretização;
- b) *Solidários*: apostando na disponibilidade existente para superar algumas necessidades;
- c) *Territorializados*: assumindo sempre como destinatários os indivíduos e as famílias locais;
- d) *Próximos*: tornando próximas, financeira e geograficamente, as oportunidades de participação;
- e) *Desafiadores*: contendo sempre uma proporcionalidade directa entre a participação e a concretização;
- f) *Voluntários*: dependendo unicamente da vontade e do prazer de participar;
- g) *Visíveis*: certificando social e mediaticamente as aprendizagens concretizadas.

Alguns dos principais projectos que têm vindo a ser concretizados encontram-se descritos, de forma breve na tabela seguinte e podem ser:

Projecto	Descrição	Período de execução
Curso de Alfabetização de Adultos	· Actividades de aprendizagem destinadas a jovens e adultos iletrados, literal ou funcionalmente; · Actividades que incluem Expressão Plástica, Educação Física, Visitas de Estudo e realização de pequenos projectos de divulgação comunitária.	Desde 1998
Biblioteca Comunitária	· Distribuição domiciliária, gratuita e diária de um jornal diário a todas as famílias que o desejem.	Desde 1998
Gabinete da Papelada	· Distribuição domiciliária, gratuita e periódica de livros a todas as famílias que o desejem. · Resolução de todos os problemas burocráticos da população (semelhante à Loja do Cidadão).	Desde 1998
Gabinete do Desenrascaço Estudantil	· Actividades de estudo acompanhado proporcionado pelos estudantes do ensino secundário e universitário aos estudantes mais jovens do ensino básico.	Desde 1998
Visitas de Estudo	· Actividade baseada na excursão tradicional, à qual se adicionou conteúdo educativo e intergeracional. A visita é alvo de escolha por parte da população através de referendo e de preparação por parte de brigadas de jovens.	Entre 1999 e 2002
Brigada Assinatura	· Actividade de carácter intergeracional na qual conjuntos de 3 ou 4 jovens, denominados Brigadas, adoptavam 1 ou 2 idosos analfabetos, construindo conjuntamente um projecto de aprendizagem que teve como objectivo a aprendizagem, por parte dos idosos, da realização da respectiva assinatura.	Desde 1998
Janela do Coração	· Actividade de prevenção, no âmbito da saúde, através da qual os habitantes podem medir a respectiva tensão arterial, periodicamente, na padaria, inscrevendo os valores medidos em livrinho individual.	2000 e 2001
Palestras	· Actividade de divulgação dos mais variados assuntos, através da realização de encontros, nos quais são convidados especialistas.	Desde 2000
Teatro	· Existência de um grupo de teatro comunitário.	Desde 1998
Cante alentejano	· Existência de um grupo de cante alentejano.	Desde 1998
Jornal Comunitário	· Existência de um jornal comunitário, com periodicidade variável.	Desde 1998
Procuração Pedagógica	· Apoio aos estudantes da freguesia que transitavam para as escolas de Évora e que sentiam graves problemas de integração e de aproveitamento escolar. Uma jovem mais velha servia de elo de ligação entre as famílias e os Directores de Turma.	2000 e 2001

O desenvolvimento de todas estas actividades despertou o aparecimento de uma nova *geometria* de vida quotidiana em São Miguel de Machede, facto que se traduziu na necessidade de existência de um Gestor Educacional da freguesia, o que se veio a concretizar no ano 2001, no seio da associação SUÃO. Em 2003, foi a própria autarquia local a assumir este novo vértice da actividade comunitária, incorporando no conjunto do seu pessoal uma Gestora Educacional, como técnica superior, obtendo, para o efeito, o apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional, que aprovou um estágio profissional, nesta nova categoria profissional.

Na dimensão infra-estrutural da comunidade foi construída uma Escola Comunitária, hoje disponível em edifício de grande qualidade arquitectónica e funcional, uma Biblioteca com um acervo de mais de cinco milhares de títulos, um Centro de Recursos com muitos equipa-

mentos e material diversificado. Numa dimensão mais social e profissional, nasceram alguns empregos em profissões até ao presente inexistentes nas pequenas comunidades rurais (bibliotecária, gestora educacional, etc.) e construíram-se novos *vértices* na *geometria* de vida quotidiana da comunidade.

Algumas reflexões finais

O nascimento de uma Escola Comunitária é um acontecimento extraordinário para quem nele participa. Construir oportunidades de aprendizagem para uma população que as não teve no passado e não as tem em quantidade e qualidade suficiente, no presente, é algo que se pode considerar uma autêntica missão. Quando essa missão é assumida pelos próprios membros da comunidade, num esforço de sobrevivência e revelador de uma vontade evidente e poderosa de aprender, torna-se um compromisso. Um compromisso de todos perante todos. Um compromisso que é a essência do espírito comunitário, traduzido naquela, bem portuguesa, frase que nos diz que *temos quer ser uns para os outros*.

Foi nesta forma de *sermos uns para os outros* que este exemplo de Educação Comunitária nasceu, cresceu e se mantém vivo na freguesia de São Miguel de Machede.

Referências bibliográficas

Berbaum, Jean (1992). *Desenvolver a capacidade de aprender*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Bernet, Jaume (1993). *Otras educaciones*. Barcelona: Editorial Anthropos.

Frawley, William (2000). *Vygotsky e a Ciência Cognitiva – linguagem e integração das mentes social e computacional*. Porto Alegre: Artmed.

Freire, Paulo (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Nico, José & Lino, Maria (2001). "A Educação na base do desenvolvimento local: o caso da Escola Comunitária de São Miguel de Machede", in *Actas do Congresso Internacional «Um Olhar sobre Paulo Freire»*, Évora: 87-98.

Nico, José & Lino, Maria (2002). "Escola Comunitária de São Miguel de Machede: aprendendo a construir um futuro particular, num contexto global", in *Actas do V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Faro, p. 761-764.

Nico, José, Costa, Eduardo & Nico, Lurdes (Orgs.) (2004). *Aprender no Alentejo – I Encontro Regional de Educação*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.